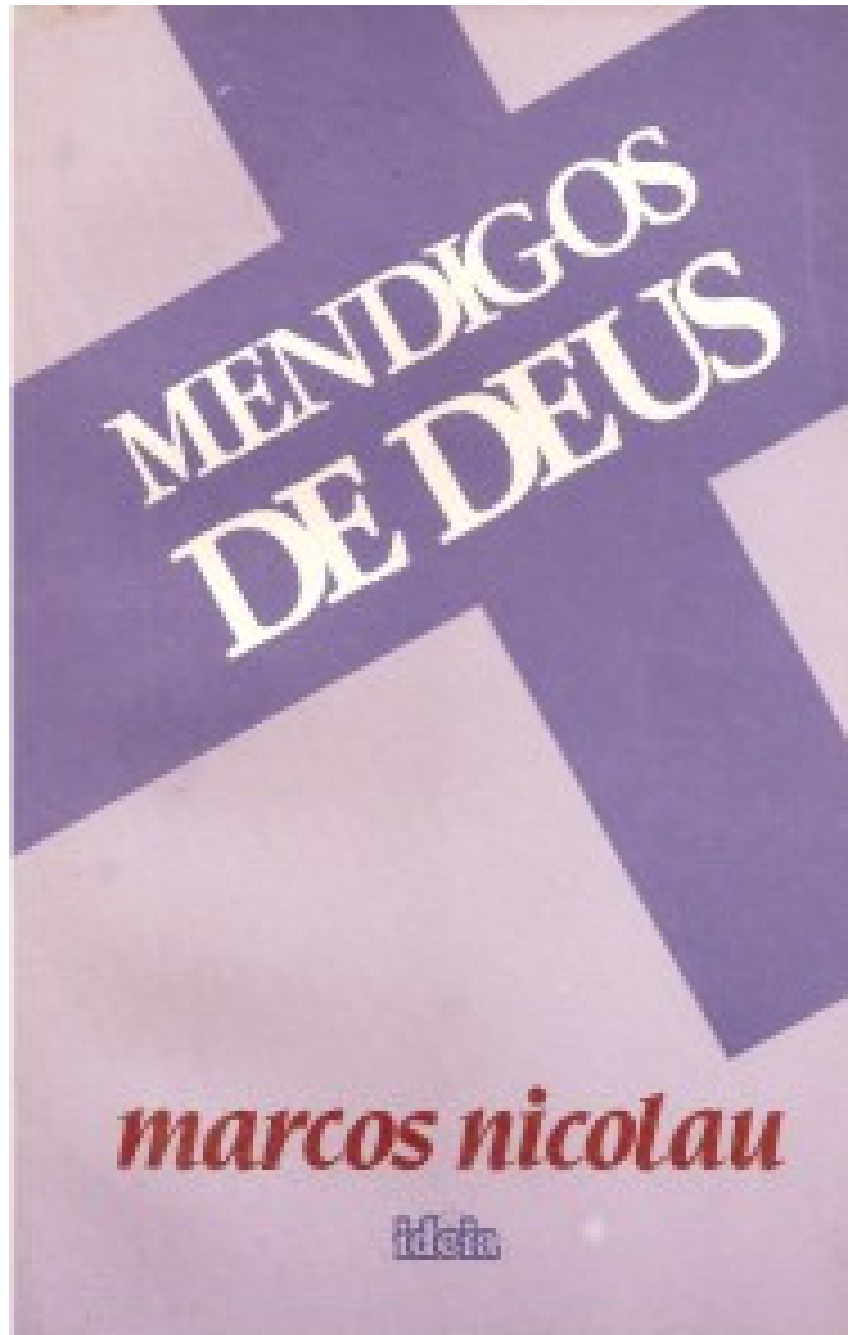


**Apresenta:**



**Livro completo para leitura**

# 1

O silêncio desta casa que outrora fora o seu sossego, hoje é o seu tormento, e a resoluta solidão que o habita por dentro é bem maior que o imenso vazio deste recinto.

Não há fuga para quem tem a alma atormentada senão entregar a Deus o que o angustia, disse você tantas vezes aos fiéis. E agora é você quem caminha de um lado para outro, em busca de uma paz que supõe escondida em algum remoto lugar desta casa, em alguma recôndita brecha da própria alma.

Inaudito pesadelo que o acordou esta noite. Já se avizinhava sonho após sonho. Você despertou com um grito assustado, qual animal apavorado, porque é difícil evitar o horror daqueles rostos ensandecidos, impregnados de lama a romper brados horrendos, a suplicar socorro e salvação. E você estava lá, sem conseguir mexer um único dedo em auxílio daquela gente. Morriam afogados na lamacenta mistura de chuva e barro que deslizava morro abaixo, em meio a choros e lamentos: velhos, mulheres e crianças.

A ampulheta do tempo é inquebrável. Você lastima não ter podido eternizar a época em que os fiéis beijavam a sua mão em sinal de respeito, em que a sua batina representava uma sacralidade que merecia atenção e reverência. Os homens, então, tinham na palavra de Deus um conforto para todos os seus males; os necessitados precisavam dela para conformar o espírito e angariar esperanças. Sua mão abençoava tudo o que tocasse, e a sua palavra espelhava a inesgotável vontade de Deus. Mas o tempo, você reluta em aceitar, padre João, conspira contra o que não se transforma.

Dissolutas lembranças forçam as comportas da mente. Mais cedo ou mais tarde abrem caminho. Elas são como uma voz insurgente vinda das entranhas, e você teme que exalem o fétido e náuseo odor do enxofre ou que se libertem da masmorra interior e ameacem as convicções petrificadas. Você quer evitar que, como chagas, supurem. Mas as feridas mal curadas sempre irrompem novamente. Não é melhor que supurem logo para o lado de fora? Assim é mais fácil impedir que a doença se alastre por dentro do corpo.

Urge lembrar cada detalhe, cada sensação viva. Deixar de novo os trágicos sentimentos, mesmo que tenha de reviver a deprimente presença das desgraças humanas. Deixar que as lembranças falem por si. Contá-las a você mesmo, e talvez elas se desvelem e levem você ao fim dessa angústia.

## 2

Recorda a primeira vez em que esteve na favela? Sim, é como se fosse agora, não é mesmo, padre João? Você chega a um barranco íngreme, de um barro avermelhado e mole. Talvez colocado ali recentemente como aterro. Antes de iniciar a aventura da descida, você lança um olhar sobre a favela. É uma visão constrangedora. Dezenas de barracos enterrados num imenso depósito de lixo, construídos com sobras de madeira, papelão e palha. Justamente como o padre italiano lhe dissera, uma favela encravada entre o lixão da cidade e o bairro rico de Misericórdia. Mas você não imaginava que fosse tamanha a imundície. Pessoas vivendo como bicho, crianças cascaveando o lixo como se fossem vermes num resto podre de comida, meu Deus.

Dentro da favela você sente um insuportável fedor a invadir suas narinas; é o odor da miséria, mas a face dela é muito mais dolorosa e causa bolor em seu estômago. Desesperadamente você procura algum indício de padre Lourenço, o italiano, certo de que está sendo perseguido por curiosos olhares.

Os lamentos de uma mulher atraem você até um aglomerado de favelados. Diante de um barraco, a mulher chora, joelhos no chão, mãos no rosto, exasperada. A cena se torna ainda mais grotesca quando, da porta do casebre, surge padre Lourenço, trazendo nos braços o corpo esquelético e desfalecido de um menino, cujos membros pendem inertes como um velho boneco de pano.

A face esbranquiçada de olhos profundos do padre italiano é o espelho da dor daquela gente.

Meu filho, brada a mulher, cada vez mais descontrolada, meu filhinho. Ele é tudo que tenho, padre. Salve ele pelo amor de Deus.

Os favelados benzem-se e rezam. Diante deles, padre Lourenço se destaca, contrastando à negritude de couros sujos, uma pele rosada que expelle um suor ralo a umedecer a barba mal cuidada.

Os lamentos da mulher se tornam mais e mais perturbadores e a pequena multidão se contorce, agoniada. Os semblantes patéticos de homens e mulheres destacam olhos abotocados, revelando uma grande impotência.

Num ímpeto de incontido desespero, padre Lourenço leva a criança quase acima do peito. Na avantajada estatura dele, parece erguê-la aos céus. Inesperadamente nuvens escuras escondem o sol, sugerindo presságios e instaurando um irresoluto silêncio. Os favelados abrem espaço em rumorosa expectativa, e a pobre mulher joga as mãos ao alto.

Deus do Céu, o italiano não percebe a loucura desse gesto. Os braços dele estremecem, os lábios se entreapertam tal qual os olhos e, ao abri-los,

finalmente percebe o que se passa. Padre Lourenço olha atônito para os favelados e, tomado pelo susto, arregaça por sobre os joelhos, segurando com sacrifício a criança, exclamando: Não! Por favor, não esperem de mim o que não posso fazer. Perdoem-me, mas eu não posso.

Procurando conter as lágrimas, padre Lourenço deposita o corpo do menino nos braços da mãe e tenta, com um esforço sobre-humano, aliviar-lhe o pranto.

Você ajuda ao padre amigo a dar a extrema-unção à pequena criatura e, em seguida, rompem caminho por entre a aglomeração. Ambos seguem barranco acima, quase sem rumo. No fim de uma breve e exaustiva caminhada, sentam-se num banco de praça afastado da favela.

Padre Lourenço interrompe a respiração e revela a você: é isso o que eles esperam de mim o tempo todo, padre João, um milagre. Mas eu não posso ressuscitar seus mortos. Não consigo sequer impedir que morram tão cedo.

Aquilo não é tarefa para um padre, mas você ainda não teve oportunidade de dizer a ele. É um homem estranho o padre italiano, de hábitos esquisitos e palavras excessivamente comedidas. Apesar de ter pouco mais de quarenta anos e muito vigor físico, curva-se sobre o próprio abdômen como se fosse bem mais velho e quisesse debelar algum incômodo no ventre.

Você aceitou que ele viesse morar na sua casa, há alguns meses, por obrigação? curiosidade? favor? Quem sabe um pouco de cada. Mas padre Lourenço, para sua preocupação, havia passado dos limites, se entregava aos miseráveis como se pudesse ser um redentor.

Sem ardeios, você tratou de declarar o motivo da sua presença ali: vim procurá-lo porque recebi um telefonema para você, padre Lourenço. Achei que devia tomar conhecimento o mais rápido possível. Um homem ligou, fez ameaças. Disse que se você não retirasse os favelados do lixão, o mataria e expulsaria a todos, à força.

Ele não parece nem um pouco perturbado com o que ouve. Recosta-se no banco, esfrega as mãos e responde que estão apenas querendo intimidá-lo.

Você lembra da sua grande paciência, mas, desta vez, quer ser enérgico com padre Lourenço e dispara: será que você não se dá conta de que a sua vida corre perigo, homem de Deus? É preciso tomar uma atitude.

Abandonando os favelados? replica o italiano com uma intransigência irritante, indo embora e largando-os à própria sorte?

Talvez você devesse ter usado a calma que lhe é tão peculiar, para tentar dialogar mais sensatamente com padre Lourenço. Mas não, você não consegue se conter e altera a voz com ele: acha mesmo que pode resolver o problema da pobreza dessa gente, padre? Acredita que pode garantir-lhes o lugar para moradia? Existe miséria e desgraça por todos os recantos do país. Aquela favela é apenas uma entre milhares de comunidades que precisam de alimento e de um lugar para viver.

Ainda calmo, padre Lourenço responde: você não compreende, esta é uma luta pelas possibilidades humanas de vencer as adversidades.

Depois levanta-se, como se os desajeitados gestos fossem capazes de ajudar a encontrar as palavras certas e continua: e como ser humano, busco isso juntamente com eles. Agora não consigo simplesmente sair, abandonar esta busca.

Você ainda procura fazer com que o italiano perceba que está seguindo por um caminho tortuoso demais: não nos tornamos padres para sermos mártires, padre Lourenço. Quantos de nós já foram massacrados porque se colocaram entre a necessidade de uns e a ambição de outros. Poderiam ter sido mais úteis se tivessem se mantido vivos. Nós fomos enviados para levar às pessoas a palavra de Deus, para orientá-los na fé, para que tenham forças e perseverança, e, principalmente, para que caminhem com os próprios pés pela trilha que a fé lhes indicar.

É como se suas palavras colocassem brasa sob os pés de padre Lourenço porque os olhos dele faíscam e ele se exalta: nossa opção pelos pobres nos coloca a responsabilidade de mostrar-lhes, padre João, porque são desgraçados e o que podem fazer por si mesmos para que consigam vencer a miséria. E a minha angústia é por não poder fazer com que encontrem uma saída. Se permanecem no lixo, serão em breve dizimados pelas doenças; se conseguem se inserir na sociedade, é para serem usados como trapos humanos, explorados e ludibriados. Confesso que não sei mais o que fazer. Não há para onde levá-los, a quem recorrer. A sociedade não os quer, as autoridades fazem de conta que eles não existem, e Deus parece que os esqueceu...

O italiano consegue atingi-lo e você dá o troco: mas, isso é blasfêmia, padre Lourenço.

Não, disse ele cabisbaixo, é o estado da minha humilhação.

Os ponteiros do relógio parecem dizer que a manhã se esvaiu inutilmente, e você sabe que é hora de voltar para casa. Levanta-se e chama o italiano: você não vem?

Padre Lourenço abana a cabeça negativamente e responde: preciso ajudar os favelados a enterrar seu morto.

### 3

Na manhã que se abre, você observa um pano úmido desenhar carícias num maltratado rosto. Como um fiel súdito de uma santidade, padre Emanuel banha um mendigo com paciência, resignação e generosidade. Apoiado nos joelhos, ele mergulha com ambas as mãos o pano na bacia de ágata e depois desliza-o sobre o ancião, como se pudesse também redimir-lhe as dores da alma. Feridas abertas são delicadamente suturadas e a sujeira impregnada nos pés, nas mãos e na face do mendigo, pouco a pouco, vai sendo removida.

Quantas vezes você, com pena de padre Emanuel, não o ajudou a carregar mendigos até aquele quarto nos fundos? E quantas vezes não se perguntou o que fazia um padre aposentado dedicar seus últimos dias a uma infundável, exaustiva e infrutífera tarefa?

Eis que você, João, fez-se padre por obediência e não poderia recusar, apoio àqueles dois novos habitantes de sua existência. Padre Lourenço e padre Emanuel haviam chegado ao seu convívio, quase que simultaneamente. Primeiro o padre italiano, que suplicara-lhe em carta que o aceitasse por algum tempo. Depois o padre Emanuel, amigo dos tempos de seminário, que esperava apenas ser encaminhado ao asilo dos padres.

Como a sua casa era grande e a faxineira só aparecia uma vez por semana, você resolveu trazer seu sobrinho, Guilherme, para ajudá-lo.

Mas os padres desarrumavam o seu espírito sossegado, despertavam em você estranhas inquietações e transformavam a conformidade dos seus dias numa balbúrdia interior jamais experimentada. Como uma conspiração silenciosa, desfaziam a irredutibilidade do tempo, removiam, por fim, aos poucos, a terra sob seus pés.

No fim do dia, alimentado e limpo, o mendigo é devolvido à rua e na manhã seguinte padre Emanuel, capengando dentro de sua batina, percorre novamente os becos da cidade à cata de um outro velho desgraçado que o ajude a gastar o tempo.

4

Batem na porta interrompendo o jantar. Colheres e garfos são paralisados a meio caminho da boca. O único que não se assusta com as batidas é o padre Emanuel. O velho padre dorme arriado na cadeira, depois de um exaustivo dia na lida com seus mendigos.

Blam! Blam! As pancadas se repetem e Guilherme já está na sala abrindo a porta. Ele chama padre Lourenço com a voz visivelmente perturbada. Você segue o italiano e deparam com dois garotos maltrapilhos da favela. O mais velho, olhos arregalados, mãos trêmulas e resfolegante, faz um relato exasperado: tomaram de conta da favela, padre. Os ratões tão botando todo mundo pra fora.

Padre Lourenço suspende as espessas sobrancelhas, faz um gesto para que esperem e corre ao quarto.

Você quer ver de perto o que sucede.

A pressa obriga os moleques praticamente a correrem para não ficarem para trás. Descem o barranco e logo avistam os favelados no meio da rua. Estão todos juntos, num grande amontoado, protegidos do sereno por lençóis velhos e trapos remendados. Mas, onde estão os tais ratões? você se pergunta. Procura nas proximidades e não vê ninguém. Entretanto, mulheres e crianças choram abraçados, os gatos se escondem por entre as pernas e uns vira-latas teimam em latir na direção dos barracos.

Um favelado de tique no olho, corre ao padre Lourenço aos brados: os ratos, padre, tão lá nos barracos acabando com tudo.

Ele disse ratos? você se espanta. Por sobre o ombro do italiano você presencia uma cena estarrecedora. São ratos de verdade, grandes, pequenos, barulhentos. Centenas, talvez milhares deles a roer tudo o que podem, numa barulheira infernal. Como aquele, os outros barracos estão infestados.

Os favelados não conseguem disfarçar o medo, por mais que estejam acostumados com as desgraças e com a imundície. E não há nada mais degradante, você percebe isso em cada um deles, do que serem derrotados numa luta em que os inimigos os vencem com humilhação.

Padre Lourenço volta-se para o lixão. Colunas de fumaça sobem rumo ao céu. Ele aponta para os focos de fogo e explica a você que foi aquilo que causou a invasão dos ratos. Havia fogo demais no depósito e os ratos não tiveram para onde fugir.

Uns favelados sugerem que se arranjem gatos, outros, que se consiga bastante veneno. Mas padre Lourenço, com uma estranha paciência de quem já sabe o que tem de ser feito, explica a eles que não é possível encontrar gatos suficientes para tamanha tarefa e que o veneno acabará com os ratos, mas contaminará a favela e porá em perigo a vida de todos. Por fim, sussurra, como que pensando em voz alta: só há um jeito...

Todos se voltam em expectativa e quase entram em pânico com a solução do italiano: ... queimar tudo!

Está louco o padre! pensa você. Ele se mantém impassível diante do vozerio de revolta e exclama, pedindo atenção: escutem bem. Todos esses barracos já estão irremediavelmente contaminados pelos ratos. Podemos expulsá-los daí mas eles deixarão um rastro de doenças. E poderão voltar sempre que o lixão for queimado. Vamos botar fogo, desinfetar a favela e acabar com os bichos, depois reconstruiremos os barracos novamente.

Os favelados relutam um pouco, mas logo o rumor vai se desfazendo ao perceberem que padre Lourenço está com a razão.

Depois de alojar as mulheres e as crianças na improvisada cobertura de palhas sem paredes que até então servira de capela, padre Lourenço manda que os favelados recolham todo o querosene que podem. Com pedaços de paus e trapos embebidos, são feitas muitas tochas. Cerca de trinta homens, entre adultos e adolescentes, são distribuídos pelo padre em volta da favela, cada um munido com um ou dois archotes acesos. A uma ordem inicial, começam a atear fogo nos barracos quase que simultaneamente. É como chama em pólvora. Em poucos minutos, labaredas enormes lambem a noite num imenso clarão amarelo-avermelhado. Os ratos ficam agitados com a proximidade do fogo e logo seus guinchados de dor dão uma idéia do que deve ser o inferno. A fedentina de couro chamuscado começa a tornar o ar quase irrespirável. Os bichos que tentam voltar ao lixão são queimados pelos favelados, só uma ou outra catita consegue escapular.

A claridade no meio da noite chama a atenção dos moradores do bairro de Misericórdia. Lá em cima, no barranco, uma multidão se acotovela para ver o espetáculo. Pela maneira como se agitam, parecem assistir a um show circense.

Eles bem queria que esse fogo fosse em nós, diz um dos favelados surpreendendo você que observava a platéia. Imediatamente você volta ao trabalho com sua tocha em punho.

## 5

Na cama você experimenta uma noite terrível, de sonhos ruins. O leito parece pequeno para tantas imagens angustiadas. E você não consegue apagar o fogo na mente nem extrair de vez, das narinas, o fedor do churrasco de rato. Choros, lamentos, dentes caindo, trapos sujos de lama, agonia, agonia, agonia!

De sopetão você ergue o corpo e senta-se. O alívio pela presença do dia imediatamente cede lugar à preocupação pelo sol muito acima do horizonte.

Você deixa o quarto às pressas e procura padre Lourenço. Guilherme diz que ele levantou cedo, ajudou padre Emanuel a levar um mendigo para o quarto e depois saiu. De relance você vê padre Emanuel no cubículo dos fundos a passar com delicadeza o pano úmido no rosto do esmoler.

A campainha do telefone pega você ainda desorientado e dolorido. Segue até a mesinha para descobrir que é o homem novamente com ameaças ao italiano: último aviso, ou o padre tira os favelados daquele lixo ou morre.

Você aperta o cinto com raiva, calça as alpercatas e vai resmungando. Padre Lourenço está metido em encrenca séria e não sabe nem o que está fazendo ali.

Escorrega no barranco, suja as mãos e bate-as na calça. Logo percebe que os favelados não estão reconstruindo seus barracos como haviam combinado na noite anterior. Ao invés, uns empunham pás e enxadas velhas, outros improvisam essas ferramentas no lixão como se se preparassem para uma guerra. Você cerca padre Lourenço, e ele conta que os homens da Construtora estiveram ali, ofereceram dinheiro para os favelados se retirarem. Ninguém aceitou porque era pouco e não havia para onde ir. Ameaçaram voltar com as máquinas.

Você instiga o italiano: o que está esperando? Telefonaram de novo, sua vida não vale nada agora, e o que você faz? Arma essa gente para o suicídio. Já chega, padre Lourenço. É hora de botar a cabeça no lugar. Ou você quer ser responsabilizado pela morte deles?

Padre Lourenço escuta com demasiada paciência. Respira fundo, entroncha a boca, olha firme e responde: se eles morrerem, padre João, não vou poder ser responsabilizado, também estarei morto.

Não, não é um idealista que está ali à sua frente, você quase se convence, e sim, um maluco.

A terra começa a estremecer acompanhada de um rumor crescente. O silêncio é de pavor e expectativa no semblante dos favelados. Primeiro, dois caminhões caçambas descem o barranco levantando nuvens de terra e pó, e, por entre a poeira, surge uma terraplanadora e um trator de esteira. Se posicionam diante da favela como tanques prontos para iniciar o combate. Em

cima dos caminhões está a tropa: operários empunhando picaretas e cavadores.

Um outro rumor é crescente saindo de dentro dos favelados e se mostrando nas suas faces. As crianças começam a chorar, impacientes.

A poeira vai assentando e lá em cima nova multidão ocupa seus lugares para assistirem a um outro espetáculo na arena. Qual será a reação dos homens da Construtora, nem você nem ninguém o sabe. Invadirão a favela e rechaçarão o inimigo?

Os estalos da porta de um dos caminhões quebram o breve silêncio. Um homem gordo desce e se aproxima. Retira o capacete da cabeça e espanta a poeira que lhe atrapalha a vista. É visível o espanto dele ao perceber o que se passa. Quem poderia imaginar que padre Lourenço convenceria os favelados a agirem daquele jeito? O italiano fizera com que todo mundo cavasse buracos espalhados pela favela e depois se enterrassem dentro. Homens, mulheres, e meninos estão metidos em abertura no chão, com terra até a cintura. O padre é o primeiro, logo na frente.

O homem gordo parece fumaçar, solta improperários violentos e atira o capacete no chão. Se aproxima de padre Lourenço e com rispidez: seu padrezinho de merda, comunista duma figa. É você quem está incitando essa gente a reagir. Mas este lugar não pertence a eles e você sabe disso.

Em seguida, ele chuta bruscamente o rosto do italiano com sua pesada bota. As mulheres gritam, os homens não fazem nada, padre Lourenço se contorce de dor. O homem volta ao caminhão e logo as máquinas vão subindo, uma a uma, de volta pelo barranco, misturando no ar, estrondo e poeira.

Você corre ao auxílio do padre. Ele sangra pelos lábios e pelo nariz. Os favelados se desvencilham da terra e comemoram entre gritos e abraços como se tivessem vencido uma batalha contra um poderoso inimigo.

Imediatamente os favelados começam a reconstrução da favela. Os paus são fincados no chão. Arames e barbantes sustentam a madeira velha. Os barracos pouco a pouco vão subindo. A coberta é feita com papelão e palha seca, e o italiano os ajuda exaustivamente.

## 6

Você jamais conseguiu esquecer a visão de Porfírio, um dos favelados, procurando caminho por entre os fiéis antes da sua missão das sete. Ela traz um gosto de morte.

Um estranho presságio transfigura-se no rosto dele. Vêm à tona na sua mente, estranhas cenas fragmentadas dos sonhos angustiados e o azedume dos trapos que vestem aquele homem, evocam-lhe a podridão da favela.

Ele mal aproxima-se e vai logo gritando: padre! padre! O nosso padre foi baliado.

Deus do céu, você percebe que era pior do que podia imaginar e pergunta-lhe, como que querendo uma confirmação: como assim?

Seu coração dispara, uma dor de cabeça toma lugar e com a demora do favelado em explicar-se, você insiste: como assim?

A gente ouviu os tiros lá da favela. Quando chegamos, só vimos um carro branco em debandada enquanto o padre padicia no sangue, relata ele.

Você se pergunta porque Deus estava sendo tão rude. Por que tamanho castigo. Finalmente, Porfírio conclui: levamos ele pro hospital estadual.

Depois de tirar a estola e guardar os paramentos, você entrega a missa ao diácono Raimundo e corre ao hospital.

Padre Emanuel chegara primeiro, está desolado e mal retribui o abraço. Ele ainda não obtivera nenhuma informação, pois o médico continuava na sala de cirurgia.

O ar está impregnado de receios, tensão e um crescente desespero. Cada barulho vindo do corredor desperta em você uma profusão de pensamentos. Até que o médico vem à sala de espera. Manchas na roupa, sangue no olhar, ele faz seu relatório: o padre foi atingido por dois tiros de muito perto. Uma das balas acertou-lhe a cabeça, mas o projétil resvalou no crânio e saiu. Houve um pequeno traumatismo, porém o impacto foi muito forte, o suficiente para deixá-lo em coma. A outra bala traspassou-lhe a mão sem muita gravidade. Nós fizemos tudo o que era possível, agora é só rezar e esperar.

Quais as chances dele, doutor? você se arvora em perguntar.

O médico abre os braços num gesto de dúvida, aperta os lábios e só depois, fala: não podemos dizer precisamente até que ponto a cabeça foi afetada pelo impacto. Vai depender muito da reação do próprio organismo.

A desalentadora resposta era mensageira de incertezas e o sentimento de culpa, finalmente, pôde se revelar. Por que não fora capaz de impedir a tragédia? você se pergunta. Por que não arrancara o italiano daquela situação enquanto houve tempo? Por que aquele missionário de Deus não tinha um trabalho normal de um padre?

Quando menino você não gostava nem de prender nem de matar passarinhos, por isso os outros garotos o chamavam de maricas. Fez-se adolescente longe das algazarras, não roubava doces, não fugia de casa. Nunca foi namorado. Era coroinha. Quando se tornou padre seu pai se achou salvo e sua mãe sentiu-se abençoada. E o resto da vida passou cuidado das vaidades espirituais de freguesias abastadas.

Esta noite é fragmentada em pesadelos por causa de um padre que considera louco, estabonado, sem rumo certo. Você sente que as suas mais profundas crenças se abalam, sentimentos antes sólidos, parecem se desfazer, como se o universo inteiro começasse a perder a sua imutabilidade... o apocalipse está próximo!

7

Dia seguinte, uma ameaça crescente de chuva. Um sentimento cinzento e pesado como as nuvens no céu deixa você pesaroso. Notícias insossas do padre ferido: nada de novo, informaram no hospital.

As horas se arrastam em maçantes obrigações. Os repórteres querem detalhes, suspeitas, insinuações. Você não tem respostas, só frases de efeito: o ódio dos homens sempre desgraça quem quer a justiça dos pobres.

Ao Bispo, Dom Martinho, você foi bastante sincero: Padre Lourenço é um homem perigoso para si mesmo e para os seus protegidos.

Conte-me o que sabe, pede o delegado no final da manhã, e você apenas repete o que ouvira do italiano: a Prefeitura quer desapropriar a área, mas um herdeiro preferiu vendê-la à Construtora. Os outros herdeiros desejam o terreno de volta porque tornou-se valioso demais e todos querem ver os favelados longe dali a qualquer custo.

Você deixa a delegacia e caminha pela beira da calçada, pensamentos no chão. Súbito, os seus olhos captam um alvoroço no fim da rua. Uma procissão de flagelados vem se arrastando paralelepípedos acima qual animal velho e ferido. E os habitantes da rua fecham portas e janelas como se assolados por terríveis pressentimentos, como se receassem que os miseráveis tivessem resolvido tomar a cidade tal qual os ratos do lixão.

Mas você reconhece-lhes as mulheres desdentadas, os meninos excessivamente barrigudos e Porfírio, como guia de cego, a conduzi-los com cautela.

Basta a força de um gesto seu e a pachorrenta caravana para. Os favelados baixam ao solo improvisadas macas com crianças e adultos moribundos. Mas não há sinais de violência.

Você tem uma grande indagação no olhar que dispensa perguntas, e Porfírio, depois de se benzer como de costume, se avexa em contar-lhe o ocorrido: os caminhão vieram logo cedo, padre, e arriaram muito lixo. De repente, a gente não agüentava mais a catanga e inventamo de botar fogo. Aí foi que piorou. A fumaça fedorenta entrava pelos barraco e todo mundo começou a vomitar, os óio a querer saltar e uma agonia a revirar o estômago.

Santo deus, exclama você, percebendo tudo. Os homens haviam conseguido expulsar os favelados sem sequer tocar em ninguém, apenas envenenando o lixo. E pergunta-lhe: mas, vocês estão indo para onde?

Subemo que já tem favelado lá na praça da Prefeitura, explica Porfírio, prometeram terra pra eles e a gente vai pra lá.

Realmente não havia muito o que pensar. Você ordena que a procissão siga adiante e a acompanha ao som de canecos, panelas e lamentos.

## 8

Na noite que antecede o terceiro dia, Guilherme prepara a mesa para dois. Você estranha e pergunta: e padre Emanuel?

Ele saiu na boca da noite, diz Guilherme, disse que ia ao hospital visitar padre Lourenço.

Não é a primeira vez naqueles últimos dias que padre Emanuel deixa de se alimentar.

Um barulho na madrugada desperta você. A porta da frente se abre e não se fecha. Você levanta-se, vai até lá e encontra padre Emanuel tentando se erguer, apoiado no trinco. Corre ao auxílio dele e leva-o até o quarto.

Há um excessivo calor naquele corpo magro, uma ardência febril que o faz transpirar um suor claro e inodoro. Enxugando-lhe a frente, você diz: você não tem se cuidado, meu amigo. Precisa se alimentar melhor, fazer menos esforço.

Ele nada responde, apenas respira forte e mantém os olhos calmos, como os de quem contempla coisas belas. O chá quente ele aceita, mas não o comprimido.

Com fragilidade, padre Emanuel segura o seu braço e puxa você o mais perto que pode, sussurrando-lhe: por favor, padre João, não me leve para o hospital. Eu preciso apenas de repouso. Prometa-me.

Pela manhã, você deixa o velho padre aos cuidados do sobrinho e vai ao hospital cumprir sua obrigação matinal. Antes de deixá-lo entrar, a recepcionista lhe comunica: o padre já está bem melhor.

Como assim? você pergunta e ela continua: ele recobrou os sentidos, já está falando.

Deo Gratias, você exclama levando as mãos aos céus numa incontida alegria. Cruza o corredor em grandes passadas e segue à enfermaria indicada pela moça. Cumprimenta doentes e finalmente encontra a cama do italiano.

Podia considerá-lo maluco, mas não consegue esconder a satisfação de encontrá-lo consciente. O italiano parece ainda um tanto desorientado. Você abraça-o calorosamente e diz: Deus ouviu nossas preces.

Em pouco tempo ele está melhor, falando mais claramente e contando o ocorrido: lembro-me de um rosto ríspido e de estampidos; depois da escuridão, muitas vozes.

Ninguém viu nada, padre, comenta você, vai ficar por isso mesmo.

Ele baixa a vista e pergunta: e os favelados, estão bem?

Agora é sua vez de procurar as palavras. Remói os pensamentos e, por fim, revela: eles saíram de lá, mas já estão bem, não se preocupe.

O italiano, porém, não consegue evitar a decepção e pede-lhe que conte o que houve. Você é direto: envenenaram o lixo com resíduos tóxicos, eles

tiveram de sair. Estão agora acampados em frente à Prefeitura. Prometeram arranjar outro lugar pra eles.

Conta-lhe também de padre Emanuel, do quanto ele tem se descuidado com a saúde e que veio visitá-lo na noite anterior, sequer sem jantar, Padre Lourenço lamenta.

Quando o médico vem ver o italiano novamente, este suplica para ir embora. Diz que sente-se bem e que tem trabalhos inacabados. O médico, desta vez um homem bem mais idoso que o anterior, reconhece a excepcional recuperação de padre Lourenço, mas hesita. O italiano insiste, levanta-se, anda e gesticula, para apanhamento do médico.

O doutor pede tempo: esperemos até a tarde.

Você é contra, receia que padre Lourenço volte a se meter com os favelados e diz a ele: você já teve o seu aviso dos céus.

Mas Deus me quer vivo de novo, padre João, para continuar o meu trabalho, diz o italiano.

Você observa o sorriso amarelo dele e não lhe agrada a ironia. É nessas horas que tem raiva do italiano, do seu humor lascivo, do seu pouco caso para com a própria vida.

O que há, entretanto, neste homem que lhe instiga sentimentos controversos? Sente raiva da postura dele, mas lhe espanta a determinação. Que repulsa é essa que o atrai? É como tentar compreender um animal selvagem. É belo o seu instinto e a sua força, mas são incompreensíveis os seus sentimentos.

Às vezes, as reações do italiano parecem revelar uma espécie de perturbação mental, no entanto, esses traços logo se esvaem, dando lugar a um homem taciturno e preocupado.

Como se quisesse dar algum tipo de explicação, para você ou talvez para ele mesmo, o italiano fala: nasci em Veneza. Pobre, cresci mais à solta. Conheci os abandonados e achava que aquilo era pobreza. Até que encontrei aqui a miséria dentro das pessoas – é uma miséria mais podre do que aquele lixo; a mesquinha e o sentimento de desprezo fedem mais.

Depois do almoço você liga para casa. Guilherme diz que a febre de padre Emanuel aumentou, mas que já cumpriu as recomendações e chamou o médico.

Por outro lado, a reação do italiano é impressionante, o doutor comprova com espanto e cede aos pedidos dele, dando-lhe alta.

O táxi segue trazendo-os de volta para casa sem muita pressa. Dobra o último quarteirão e, de repente, padre Lourenço toca o motorista, pedindo parada.

E agora, o que foi? você se pergunta. O italiano salta apressado e segue em direção a um homem na calçada. Você dispensa o táxi, para perceber, logo

em seguida, que trata-se de um mendigo que padre Lourenço segura pelos ombros.

Você não era cego? quer saber o italiano encarando o esmoler.

Sim senhor, padre, responde ele, mai recebi a graça de Deus. O padre velhinho me levou pra casa dele e me curou. Que Deus abençoe ele.

Extremamente confuso, padre Lourenço solta o mendigo e fica, por um momento, absorto. Você tenta evitar-lhe as dúvidas: não acredita mesmo nisso, não é?

O italiano levanta os olhos aos céus e, como se estivesse delirando, diz: um dia eu vi chegar um mendigo com uma grande chaga na perna. Ajudei ao padre Emanuel a levá-lo até o quarto. No final do dia via aquele homem andar praticamente sozinho. Lembro-me também quando este mendigo chegou lá. Tinha os olhos encobertos por manchas escuras e parecia irremediavelmente cego. Encontro-o agora com os olhos límpidos como os de uma criança. Eu amanheci curado como que por milagre depois de ter sido visitado por padre Emanuel.

Tenha calma, homem, diz você, segurando-o para que não se precipite a correr a caminho de casa, está havendo um grande mal-entendido, você é quem está querendo acreditar nisso.

O italiano passa as mãos no rosto, respirando com esforço e dificuldade, e balbucia: um padre idoso, idoso e frágil, dedica todo o seu tempo, toda a sua vida a outros velhos. Mendigos, humilhados, considerados a escória da humanidade. Não quer glórias, apenas a alegria de, num momento sublime, resgatá-los da dor, mesmo que seja para redimir-lhes o sofrimento por alguns instantes.

Padre Lourenço interrompe a fala momentaneamente, nervoso e cansado como se estivesse fazendo um imenso sacrifício para suportar a descoberta. Mas logo em seguida segura nos seus ombros, olha bem nos seus olhos e continua: que força poderosa, que tão grandiosa bondade e compaixão pode demonstrar um homem numa tarefa aparentemente tão insignificante. Como se Deus pudesse se revelar ao homem que se torna naturalmente invadível por Ele.

Desta vez é você quem o segura e o sacode como que tentando acordá-lo do delírio: não podemos ter certeza de que esses milagres aconteceram, padre Lourenço. Nada disso são provas suficientes. Eu gostaria de acreditar que padre Emanuel fez tais milagres. O cego, no entanto, poderia apenas ter os olhos sujos por falta de higiene durante esses anos todos. O mendigo com chaga também. E você? Você é um homem forte, tem boa saúde, esteve em coma, tudo isso o ajudou na recuperação, não percebe?

Mas padre Lourenço não demonstra qualquer hesitação diante de suas palavras e na ânsia de rever padre Emanuel, arrasta você calçada afora. Cambaleiam por toda uma quadra e finalmente chegam em casa.

Qual espantalhos, Guilherme e o doutor Armando estão impávidos na porta do quarto. Antes de saber a verdade que suspeita, você gostaria de eternizar o momento da dúvida, na esperança de que as coisas fossem diferentes.

Cautelosamente, você e o italiano espiam para dentro do cômodo. Parece dormir o velho padre. Na face dele transparece uma imensa candura. Um fino lençol de algodão cobre-o até o peito e uma luz suave vinda do basculante defronte a cama, banha-lhe a face.

Padre Lourenço aproxima-se devagar, ajoelha-se e pousa o rosto sobre a fronte inerte do amigo, deixando as lágrimas gotejarem, umedecendo o lençol.

Padre Emanuel morreu como há muito tempo não se morre mais, livre dos tentáculos da tecnologia do homem, impedindo o desgarrar-se da vida; livre para deixar a vida se esvaír espontaneamente.

9

Aparentemente leve, o caixão de padre Emanuel tem o peso de um outro sentimento de culpa. Você também não deu ao velho amigo a devida atenção. E transporta o corpo dele, juntamente com padre Lourenço e outros padres, a arrastar atrás de si, como à própria sombra, o constrangimento de um remorso tênue, mas constante.

Lânguida e triste, segue a comitiva de padres, transportando o féretro pelos tortuosos caminhos de paralelepípedos macerados pelos passos do tempo.

Semblantes multifários acompanham o enterro com seus olhares suspensos. e em quase unanimidade, as pessoas se benzem, muito menos em respeito ao morto, muito mais pelo receoso mistério da morte.

O caixão pousa no fundo da cova, num enterro simples; simples e humilde como havia sido a vida do padre. E depois de coberto, de volta ao pó, faz-se um silêncio profundo em todos os olhares ali em volta. Nem mesmo o eco da oração que encomendou o corpo permanece na mente. O profundo silêncio de além-túmulo que deve habitar os céus.

De volta, padre Lourenço troca-se rapidamente sem dizer palavra, mas você sabe para onde ele está indo e o acompanha. Pelo caminho dialogam apenas os quatro chinelos, numa linguagem nervosa e cheia de expectativas. A cidade sorri como se nada estivesse acontecendo.

Chegam à praça da Prefeitura e se espantam. O lugar está limpo, sem nenhum sinal do acampamento. Você confirma ao italiano, deixara-os ali.

Na Prefeitura um funcionário delicadamente explica que os favelados foram levados para um terreno às margens da cidade. Sem perda de tempo você e o padre Lourenço seguem para o local, desta vez em um transporte coletivo. Descem próximo e ainda levantam um pouco de poeira na estradinha arenosa, contornam um resto de matagal e, de súbito, se interrompem, perplexos.

No dorso de um imenso morro, centenas e centenas de pessoas rasgam o barro, fincam estacas, pregam enxaiméis e fasquias, constroem suas taipas.

Não é difícil para você perceber que o olhar agoniado de padre Lourenço percorre o imenso cupinzeiro à procura dos favelados de Teimosos. Em vão, pois haviam se diluído na sôfrega mistura de gente, barro e poeira; na extasiada mistura de alegria, excitação e prazer que deve estar experimentando a multidão de favelados.

Também difícil não perceber que aquele era o cenário dos seus angustiados sonhos e do pesadelo desta noite que mais parecia um presságio com a aproximação das chuvas do inverno. Mas, na verdade, era um pressentimento interior, de um inverno terrível a se instalar na alma.

## 10

Antes era um tempo em que não havia segredos que não pudessem ser iluminados pela presença de Deus. Não havia dores e sofrimentos alheios que não recebessem a compaixão e a misericórdia Dele. E você tinha tanta certeza, que isso sempre foi capaz de apaziguar sua consciência diante das injustiças e dos descabros sociais.

Era uma vida de permanente mendicância a sua. A cuia das suas orações mendicava piedade, perdão e clemência, como se isso bastasse aos homens e trouxesse a você o sentimento de dever cumprido. Mas agora, o que há é um imenso vazio e Deus que não mais lhe responde.

Por que Ele se calou, você não sabe. Procura-o, implora a Sua presença, um sinal que seja para aliviar o seu tormento, e o que você recebe é o vazio ou os pesadelos.

Você não consegue acreditar que Deus deixou que desmoronasse um mundo de paz e devoção. Até pouco tempo Ele estava ali, ao alcance de suas orações.

Seu sobrinho, Guilherme, voltou ao interior. Padre Emanuel com toda a sua bondade subiu aos céus, chamado que foi pelo Senhor, e padre Lourenço retornou à Itália e de lá, a última carta dele revela, partiu para a Índia. Talvez seja disso que você precise, padre João, de um novo rumo. É hora de buscar outro caminho e justamente aquele que você sempre evitou. Avançar até onde não mais puder e fazer daí um novo ponto de partida: será que Deus tem mesmo um destino reservado para cada um? Não será que os homens tecem o fio da existência, dia após dia, atitude após atitude, a mercê das Suas leis? ou será que...?